

ENTRE SONHOS, INFÂNCIA, JUVENTUDE E AMADURECIMENTO: *METAMORFOSES DO EU LÍRICO EM BAILE DE MÁSCARAS*

DOI: 10.29327/210932.10.2-21

Altamir Botoso
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Mato Grosso do Sul-Brasil
abotoso@uol.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

A obra *Baile de Máscaras*, publicada em 2022, pela Editora Insular, está composta por sessenta e dois poemas de autoria do campo-grandense Olegario da Costa Maya Neto, com noventa páginas, e trata de temas bastante diversificados, conforme pontua o próprio autor no prefácio do referido livro. Maya Neto é professor no curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em Cassilândia. É formado em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde cursou mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Inglês.

No prefácio da referida obra, também é salientado o apreço do poeta sul-mato-grossense pelo gênero lírico, o qual enfatiza “o poder da poesia em expressar sentimentos profundos, de revisitar eventos passados e de curar feridas” (p. 11). Assim, em determinados momentos, percebemos que Maya Neto exorciza seus demônios, intercala períodos de felicidade com outros de dor, deixando fluir sensações, amarguras e encantos de vários momentos possivelmente vividos ou até mesmo imaginados, vazados em construções poéticas bem arquitetadas e que constituem uma tentativa de se recompor e se reafirmar em um presente no qual nem tudo são flores. Mas, se há espinhos, ainda assim vale a pena observar a beleza das rosas, garante uma voz lírica em cujo percurso vai se delineando uma alma, uma presença, que se constrói e se reconstrói ao sabor de lembranças, de desejos realizados ou não, que põe em evidência o exílio, a opressão do regime militar, os amores perdidos e reencontrados, os percalços de quem se encontra só e desamparado em uma grande cidade.

O sentimento de nostalgia aparece em várias ocasiões, deixando entrever a saudade da infância, conforme se pode notar nos versos que iniciam o poema “Onde você está?”:

Onde você está, garoto:
Você que tinha sonhos
De ser um líder
De ser grande,
De mudar o mundo. (p. 61)



A esse sentimento se interpõe a voz do eu lírico adulto, que lamenta não ser mais criança, estar imerso na solidão, na tristeza e só lhe restar o desejo de que o garoto que ele foi retorne e lhe devolva a felicidade que parece inalcançável: “Venha garoto / Libertar-me” (p. 62).

A solidão perpassa a coletânea e reflete, em certa medida, a perda da inocência, os compromissos assumidos na vida adulta, o trabalho que massifica, aliena e a dor de se achar sozinho, como é possível verificar em “Merry Christmas”, pois, em um período tão festivo, a voz lírica sofre pelo isolamento e por não poder ou não ser capaz de se unir às pessoas que festejam o Natal: “Enquanto todos celebram, / Eu estou aqui, só” (p. 79).

Também é tocante a imagem do homem solitário que se encontra encerrado em seu apartamento, vítima de um mundo contemporâneo no qual a comunicação parece ter se extinguido e para o qual grita: “Socorro! Olha eu aqui” (p. 81) e cuja salvação para seus dilemas ele só consegue encontrar na poesia.

Há alguns poemas escritos em inglês: “Wishes” (p. 18), “Abject” (p. 25), “The Tiger Within” (p. 26), “My Castle” (p. 32), que nos remetem a textos de escritores ingleses, como é o caso de “The Tiger”, de William Blake (1993, p. 54)), *We have always lived in the castle*, de Shirley Jackson (2016), ou ainda a autores brasileiros, conforme fica patente na transformação da “pedra” do mineiro Carlos Drummond de Andrade (2013, p. 36) em um muro “No meio do caminho [...]” (p. 42). Além dessas, há várias outras relações intertextuais que o leitor mais atento pode estabelecer com construções poéticas de escritores nacionais e estrangeiros tanto atuais quanto do passado, daquilo que consideramos como tradição ocidental.

No livro, surgem, aqui e acolá, figuras femininas, namoradas, a mulher com quem o eu lírico teve a sua iniciação sexual, enfim, mulheres desejadas, idealizadas, musas inspiradoras, uma série de criaturas que projetam no poeta uma gama de sensações, sentimentos, lembranças, que provocam o êxtase, às vezes, a indecisão entre a menina e a mulher, ou ainda a gratidão, o companheirismo, a felicidade de um casal apaixonado.

A respeito das representações femininas, merece destaque o poema “A mulher de finos brocados”, no qual se tem um retrato pungente, sensível e arrebatador daquelas criaturas que vendem o corpo para ter o seu sustento, sendo exploradas e esquecidas pelos homens que as cortejam:

Renegada, sem família
Mulher de todos
E de ninguém
Infeliz, mas incapaz
Deixo-me ficar. (p. 57)

Nota-se a impotência da voz lírica, que diante de tal realidade, só pode denunciar a objetificação feminina por figuras masculinas oriundas do patriarcado, que buscam o prazer nas ruas e depois retornam placidamente para seus lares, vestindo as máscaras dos *pater familias*, respeitáveis e defensores “da moral e dos bons costumes”.

O título da obra *Baile de Máscaras* é também o mesmo do quarto poema que compõe o volume e desvela o desejo do eu lírico de apontar as várias *personas* que o têm acompa-

nhado ao longo de sua vida: o homem sisudo, a criança extrovertida e engraçada, o poeta aprendiz, o músico, o ativista, o filósofo; e se configura uma tentativa de se livrar de todas elas, deixando transparecer a sua essência, a sua humanidade:

Uma a uma as vou despindo
 Uma a uma elas vão caindo
 Como pétalas na primavera
 Chovendo com o vento. (p. 17)

Com toda certeza, é impossível negar que a vida na contemporaneidade é um eterno mascarar-se, ocultar-se por trás de uma fachada, proteger-se a todo custo. Os sentimentos, as emoções, a solidariedade vão sendo abafados, ignorados até diluírem-se completamente. Ao deixar cair suas máscaras, o poeta aponta para a possibilidade de um resgate de elementos que estão aprisionados dentro de cada ser humano e que poderiam estabelecer conexões com nossos semelhantes, possibilitando a crença em um mundo melhor, mais humano, no qual o afeto e o amor ainda podem ser vislumbrados e, talvez, até resgatados.

O poema final, “Um rapaz em sua sacada” (p. 89), guarda ressonâncias com o filme *Janela indiscreta*, de Alfred Hitchcock (1899-1980). Nesse filme, o protagonista, que se encontra imobilizado por haver quebrado uma perna, observa, de sua janela, os apartamentos dos vizinhos e seu olhar vai descortinando aspectos do cotidiano dos moradores: discussões, beijos, encontros furtivos, solidões, tristezas etc. De modo semelhante, a voz lírica do poema mencionado contempla uma moça nua que se veste, e se podem perceber as possibilidades infinitas de se testemunhar e ver coisas que normalmente ninguém presta muita atenção e, por isso, vale o alerta do poeta de que “Cada janela, sinceramente, / É uma tentação diferente” (p. 89).

Em certo sentido, o leitor pode se juntar ao eu lírico em sua sacada e mergulhar em um mar de poemas que refletem as suas dores, os seus amores, as suas lembranças, as várias fases de sua vida, iniciada na infância, passando pela juventude a atingindo a maturidade. Da sacada ou sentados em uma confortável poltrona, podemos nos render ao prazer de contemplar seres humanos, vivências, desencantos, aflições, alegrias, que nos incitam a “despir” nossas máscaras, a acreditar que o diálogo, a união, as boas ações ainda são possíveis.

Da leitura do livro de Maya Neto, permanece a lição de que a poesia é o caminho que pode nos salvar da solidão, das dores passadas, dos sofrimentos e resgatar a inocência, os bons sentimentos, as felicidades vividas e que a comunhão entre o passado e o presente é possível e sempre almejada.

Sem sombra de dúvida, vale frisar, trata-se de uma obra de qualidade e que merece ser lida, sobretudo nestes tempos tão sombrios, pós-pandêmicos e em que a barbárie parece imperar em vários setores da nossa sociedade. Assim, ler os poemas de *Baile de Máscaras* é um refrigerio, um refúgio desse mundo tão assolado pela descrença, pela violência, pela impunidade e pela falta de bom senso de grande parte dos seres humanos que só conseguem, de maneira egoísta, enxergar e acreditar naquilo que lhes é mais con-

veniente. Que a boa poesia, como é o caso da obra aqui resenhada, possa lançar luzes e iluminar aqueles espíritos mais reticentes e céticos e que sirva de alento para aqueles que acreditam que dias melhores virão!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. In: _____. **Alguma poesia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 36.

BLAKE, William. The Tiger. In: _____. **William Blake**: poesia e prosa selecionadas. Introdução, seleção, tradução e notas de Paulo Vizioli. São Paulo: Nova Alexandria, 1993, p. 54

JACKSON, Shirley. **We have always lived in the castle**. London: Penguin Classics, 2016.

MAYA NETO, Olegario da Costa. **Baile de Máscaras**. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2022. 90 p.